

Açúcar

Safr menor que a esperada

Bruno Wanderley de Freitas¹Plinio Mario Nastari²

É DIFÍCIL identificar se os atuais preços do açúcar no mercado mundial se devem mais a questões especulativas ou a fundamentos de mercado. Não são poucos os motivos que dão suporte a esta cotação neste momento.

Após dois anos de déficits consecutivos, era de se esperar que os preços passassem por uma nova fase acomodação. Em resposta à melhora dos preços, expectativas preliminares apontavam para um forte aumento na oferta mundial de açúcar em 2010/11, com um superávit inicialmente previsto de até 4,5 milhões de toneladas. Contudo, o balanço mundial deve apresentar uma situação bem mais equilibrada em 2010/11 (outubro/setembro).

Mesmo diante da recuperação da oferta indiana e da contínua expansão da produção brasileira, espera-se que a produção mundial em 2010/11 atinja 166,42 milhões de toneladas, contra um consumo estimado de 164,61 milhões, o que resultará num superávit de apenas 1,82 milhões de toneladas. Consequentemente, o nível dos estoques será um dos mais baixos nos últimos 30 anos.

O clima não tem sido nada generoso com os principais centros de consumo e produção mundiais de açúcar. Os planos de reduzir as importações foram mais uma vez adiados pela Rússia, pelo Paquistão e pela Indonésia. No lado da oferta, Tailândia e Austrália, que são grandes exportadores de açúcar, atrás apenas do Brasil, reduzirão suas disponibilidades para atender ao mercado externo em 2010/11. Na Índia, embora haja recuperação na produção interna, o excedente exportável deverá suprir apenas merca-

dos vizinhos, como Bangladesh e, especialmente, o Paquistão, talvez sobrando um pouco para atender ao Vietnã.

Assim, percebe-se que as importações mundiais permanecerão aquecidas em 2010/11, com o Brasil bastante acionado para atender ao mercado externo. Projeta-se, portanto, que a importação mundial de açúcar alcance 48,5 milhões de toneladas em 2010/11. Em 2009/10, o volume de importação mundial de açúcar foi de 52 milhões. A queda em valores absolutos em 2010/11 se deve apenas à saída da Índia como mercado importador (-3,5 milhões de t).

Entre os principais destaques, podemos apontar a Rússia que neste ano deve importar no mínimo a mesma quantidade importada em 2009/10, de 2,6 milhões de toneladas. Antes da estiagem que assolou metade do plantio da beterraba daquele país, entre meados de julho e agosto de 2010, era prevista uma redução nas importações para até 1,8 milhões de toneladas. Já o Paquistão deve importar mais de um milhão de toneladas em 2010/11 a fim de preencher o déficit interno. Nessa lista, também podemos citar a União Europeia, Indonésia, as Filipinas e, possivelmente, os EUA como regiões que não devem abrir mão de adquirir açúcar no mercado internacional. A China também elevará as compras de açúcar devido à queda dos estoques e da produção interna nas últimas temporadas. No entanto, isso não significa que os chineses continuarão a importar mais açúcar nos próximos anos. É quase uma unanimidade a ideia de que a China deva, no futuro, expandir a importação

de açúcar, em linha com o seu crescimento populacional e econômico.

Para a próxima temporada, os fundamentos poderão ser menos construtivos. Devido à alta dos preços em 2010, muitos países estão planejando aumentar os seus plantios de cana e de beterraba. Considerando condições climáticas normais, a recuperação na produção mundial deve ser mais acentuada em 2011/12 (outubro/setembro). No Brasil, porém, existe a preocupação quanto à seca que prejudicou a cana e à taxa de renovação dos canaviais, que poderá limitar a disponibilidade de cana no próximo ciclo.

Mas as atenções devem girar mais uma vez em torno do quadro de oferta na Índia. É provável que na safra 2011/12, a iniciar em outubro de 2011, a Índia produza um volume superior ao projetado para esse ano – entre 25,5 e 26,2 milhões de toneladas –, já que existe um grande estímulo para o plantio nesse momento. Nesse caso, a Índia poderia exportar entre quatro e seis milhões de toneladas em 2011/12, o que não significa que deixariam de importar. A Índia tende a se tornar um importante centro de refino de açúcar cru, reexportando-o na forma de branco.

No longo prazo, a dinâmica do mercado importador de açúcar poderá sofrer novas alterações. Com a construção e expansão de novas refinarias em diversos países, o comércio de açúcar branco tende a ser mais localizado, com os preços sendo influenciados, principalmente, por variações nos custos de refino e pelas cotações do açúcar bruto.

Assim, o Brasil deve se manter como principal fornecedor das refinarias independentes localizadas em Dubai, na Arábia Saudita, Argélia, Síria e Índia. Mas principalmente, não se deve esquecer que a demanda mundial de açúcar continua crescendo a uma taxa média de 2,5% a.a., o que corresponde a cerca de quatro milhões de toneladas todos os anos. Esse volume é superior a toda a exportação da Austrália, o terceiro maior exportador mundial. ■

1 Associado da Datagro Consultoria

2 Presidente da Datagro Consultoria